











Verbo sem limite

Valter Hugo Mãe

A obra de Agostinho Santos já era um abate de fronteiras, uma clara insubordinação para com as formas estabelecidas. Na sua natureza, Agostinho define-se em profunda liberdade, sem obedecer senão à revelação constante do que compõe a figura nova, o objecto novo. Discutindo o mundo, seu método é o de dotar o próprio discurso de instrumentos originais, nunca vistos, que se colocam entre as imagens convencionais como signos novos, oportunidades distintas de dizer algo que ainda não foi dito. Oportunidades distintas de significar o que até então não encontrara apoio vocabular, não tinha idioma. Com a extensa e importante série *Homem Bicho* isto se reitera e intensifica. O abate da fronteira entre pessoa e animal é substancialmente alusão à arte como verbo sem limite, o pensamento imiscuído no mais insondável, no mais ínfimo e infinito, no último lugar de sentido. A arte de Agostinho Santos é a própria expansão do espaço, isso que a imaginação consegue relativo ao acto de transcender.

A necessidade de representar o grotesco das condutas produz o monstro que se vê. Verbo novo, por definição, cada monstro é a crítica urgente ao quanto o cidadão de hoje degenera. Agostinho Santos, que trabalha como mais ninguém no panorama português a questão das causas, propondo categoricamente uma arte ética de apelo e protesto abeira-se agora da acusação mais clara e rotunda, a de que nos desumanizamos, regredindo nos propósitos do projecto humano a uma elementaridade violenta, egoísta, onde a pulsão animal se sobrepõe a milénios de aprendizado da paz e da compaixão.

Agostinho coloca a arte e o artista ao serviço.
Digo assim para aludir ao quanto se compromete.

Julgávamos que as conquistas europeias, depois das piores guerras, serviriam para instalar *sine die* a lucidez de uma preocupação social, feita de cuidar da diferença de cada um. A perplexidade, hoje, perante a regressão insuportável nos valores solicita uma resistência brava, uma espécie de manifesto de humanidade sem reserva, uma convicção que fica à altura apenas dos mais capazes, à altura dos melhores.

Não é qualquer coisa que alguém se erga diante da miséria moral a que assistimos. Não é qualquer coisa que se mantenha a voz e não se conceda. Os bichos que aqui vemos, que são exactamente o advento do novo e terrível homem, estão expostos enquanto galeria de vergonha. Ostentação dos torpes, aqueles que desistiram de cuidar do mundo, optando pela mais predatória e cínica sobrevivência. De algum modo, Agostinho os captura. Estão na circunscrição do quadro como enclausurados. Uma jaula de vexame que os perpétua para que exista esse vocábulo pictórico, esse elemento, como dizia acima, para o discurso urgente da recuperação esperada do mundo.

Se o verbo procura superar o seu limite é porque a pessoa procura superar o seu limite. Importa que essa superação seja valentia e construção. Importa muito que se discuta sempre, que se exija o diálogo, para que às consciências não falte o que nos justifica: a educação para o outro. O diálogo educa para o outro. Assim o que Agostinho Santos faz.

